

n.º 903

903

JUNTA NACIONAL DA CORTIÇA

HORIZONTES  
DA  
SUBERICULTURA  
PORTUGUESA

por

J. VIEIRA NATIVIDADE

SEPARATA DO  
BOLETIM DA JUNTA NACIONAL DA CORTIÇA  
N.º 29 e 30 (Março e Abril)

1 9 4 1

RC  
MNCT  
67  
NAT



Par. 1. 2. 3. 4. 5.

Dr. Taboas e Mendes

com o volume com-  
municado



HORIZONTES.

DA

SUBERICULTURA

PORTUGUESA

HORIZONTES  
DA  
SUBSICULTURA  
PORTUGUESA

ANUÁRIO - OFICINAS GRÁFICAS  
PRAÇA DOS RESTAURADORES - LISBOA

JUNTA NACIONAL DA CORTIÇA

# HORIZONTES DA SUBERICULTURA PORTUGUESA

por

J. VIEIRA NATIVIDADE



INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO  
CORTIÇA DE CARVALHO

RC  
MUCI  
67  
NAT

SEPARATA DO  
BOLETIM DA JUNTA NACIONAL DA CORTIÇA  
N.º 29 e 30 (Março e Abril)

1 9 4 1





# I

**E**NFRAQUECIDA por uma exploração intensiva onde a nossa imprevidência lírica atinge o requinte de verdadeiro crime de lesa-pátria; desfalcada no passado e no presente, e gravemente comprometida no futuro, — dois remédios, duas amargas tisanas, se preferem, implora a subericultura nacional: Salvar ainda o que é possível salvar, pondo côbro às delapidações que duram há bons trinta anos, de onde brotou essa prosperidade aparente que tornará mais amargas as decepções de amanhã; reconstruir, nos velhos ou em novos moldes, o capital subericola português, fortalecê-lo e consolidá-lo, não só para que se mantenha a posição conquistada no domínio comercial, e não fujam para mãos alheias os fartos benefícios que a cortiça nos dá, se não também para que se tire o maior partido da capacidade e da alta aptidão subericola de grande parte da terra portuguesa.

Da necessidade, e imperiosa, da primeira medição, ninguém pode duvidar. O Sobreiro, consagrado a Júpiter, como todos os Carvalhos, e outrora

adorado na velha e heróica Grécia como símbolo da liberdade e da honra, a ponto de só os sacerdotes, segundo assevera Plínio, poderem erguer contra êle o machado; êsse Sobreiro venerável que majestosamente proferia oráculos no bosque sagrado de Dodona, do remoto Epiro, embalado pelas suaves melodias dos pífanos dos sátiros e deleitosamente acarinhado pelas ninfas que presidiam à conservação da Floresta, as vaporosas Dríades; êste Sobreiro, de tão nobres e velhas tradições, que durante infindáveis milénios viveu na feliz ignorância das brutalidades de que é capaz a cupidez humana — veio a sofrer, com o rodar dos anos, as mais cruéis provações e as mais dolorosas injúrias nesta amorável Lusitânia: Ê cortado, esfolado, queimado, com tal encarniçamento que dir-se-ia serem os subericultores portugueses ferozes inquisidores medievais, e os pobres Sobreiros encarnações do demónio...

Por demais nos ocupámos já, nas colunas do Boletim, destas grandes e pequenas misérias, e porque é hoje diferente o nosso rumo, falemos antes das virtudes do segundo medicamento proposto: da restauração do património suberícola português.

Há ainda quem pretenda que se subordinem à indústria rolheira todos os interêsses corticeiros nacionais, na ilusão cândida da possibilidade de regressarmos a uma hipotética prosperidade de há cinquenta anos atrás, quando a quási exclusiva aplicação da cortiça era a fabricação de rôlhas; há ainda quem veja na generalização dos múltiplos artefactos de cor-

tiça, no emprêgo dos discos, no consumo crescente de refugos e de cortiça virgem, inimigos da indústria rolheira a combater, e que ambicionam restrições e proibições (outras que não as impostas pela legítima salvaguarda da riqueza florestal) que realizem a única política que lhes convém: o embaratecimento da prancha e o encarecimento das aparas; há ainda, por fim, quem veja com maus olhos a próspera indústria do isolamento, e murmure e resmungue por ela não estar acorrentada aos sobejos das rolharias e condicionada às incertezas e vicissitudes da própria indústria rolheira.

Contra o aviso dos que assim pensam, o que é mau, e dos que assim falam e escrevem, o que é seguramente pior; contra os que só vêem o interesse nacional através dos seus pequenos interesses pessoais; contra os que preconizam até a restrição cultural aos terrenos de eleição para o Sobreiro; contra os que querem meter-nos num beco sem saída e que fiquemos estáticos, na cómoda indolência da imobilidade, perante o desenvolvimento acelerado da indústria corticeira mundial, indiferentes, se não em oposição declarada, às enormes possibilidades que dia a dia se abrem para a valorização da terra portuguesa — nós entendemos que a nossa melhor, se não única política, é produzir mais, melhor e mais barato.

*Produzir mais* significa adoptar novos métodos de cultivo e aproveitar ao máximo a capacidade suberícola da nossa terra; *produzir melhor* é orientar a cultura do Sobreiro segundo as exigências da indústria, é promover a produção daquilo que melhor e mais facilmente se vende; *produzir mais barato* que

dizer produzir mais intensivamente, e extrair da terra, por unidade de superfície e sem maior dispêndio, rendimentos mais elevados.

Esta proposição tão simples, mas bastante, todavia, para causar arrepios de horror à população corticeira, envolve problemas complexos de ordem técnica e económica, cuja solução requiere larga visão de conjunto, e não apenas superficial exame à luz exclusiva e acanhada de qualquer das partes em causa: produção, indústria ou comércio.

Nas condições actuais da economia corticeira portuguesa, é por demais evidente que a cortiça virgem e os refugos não podem deixar de concorrer com as aparas e impedir que estas atinjam aqueles elevados preços que significam, na vida suberícola, o gôzo das mesmas doçuras que o tempo das vacas gordas proporcionava ao velho Egipto.

Este obstáculo ao encarecimento das aparas, esta peia às manobras especuladoras, afecta a indústria rolheira, condicionada, como está, ao valor do enorme volume dos seus desperdícios. E o industrial, que luta com dificuldades para colocar o produto manufacturado (e que às vezes faz rôlhas para obter aparas), sem se poder defender com a subida de preços do seu artigo, nem com a descida do preço das cortiças no mato, onde tem que concorrer com o exportador de prancha, debate-se numa crise crónica, e tão remota já que bem se pode dizer que data, como escrevemos algures, do dia em que o homem, num momento de ociosidade e de desastrosa inspiração, fabricou a primeira rôlha.

Mas o excessivo encarecimento das aparas, onde alguns vêem a salvação, não resolve evidentemente o problema. A matéria prima cara, além de outros efeitos nocivos que teremos ocasião de mencionar, leva ao retraimento dos mercados externos, de que estamos em absoluto dependentes, e êste retraimento traz, automaticamente, a descida dos preços, que é acelerada pela própria concorrência entre os exportadores, muitos dos quais, sem capacidade económica para resistirem a estas crises, se apressam a vender a sua fazenda, com receio de maiores prejuízos, e dão por terra com qualquer veleidade de resistência.

Ora isto parece ser o que desde velhos tempos se chama um beco sem saída, muito embora para fugir dele, diga-se em boa verdade, não tenhamos dispendido grande esforço, nem feito largas despesas de imaginação. O nosso fatalismo de meridionais faz-nos aceitar esta vida de altos e baixos, mixto de esplendor e de miséria, com a mesma resignação com que aceitamos as fases da lua ou a seqüência das estações do ano.

Quando muito, de longe em longe, recorre-se às soluções simplistas, improvisadas e cómodas, que tanto agradam ao nosso temperamento de latinos, indolente e sonhador, mas que não servem a problema tão grave e tão complexo. São panaceias de ocasião, meros paliativos, que nem sequer por vezes defendem os interesses que pretendem zelar.

Recorde-se, a-propósito, o Decreto n.º 19.072 que proibiu a poda dos Sobreiros durante o verão. Pretendia-se com êle, por um lado, pôr cõbro à arreja, visto suprimir a possibilidade do aproveitamento da

virgem, e eliminar assim o estímulo para tão criminosa devastação; deligenciou-se, por outro lado, valorizar as aparas e desafogar a indústria rolheira, por se reduzir a quantidade de virgem que concorria com os desperdícios.

Aonde nos levou esta solução adoravelmente simples, e em cuja eficácia tantos de boa-fé acreditaram, todos o sabemos: A arreia passou a praticar-se no inverno com a mesma, se não com maior brutalidade; a devastação prosseguiu e progrediu; e dos despojos da poda extraiu-se a *falca*, novo produto que o mercado aceitou, mixto de entrecasco e de cortiça, mas com menor valor do que a virgem, e que serviu apenas para defraudar a qualidade do produto em que se emprega.

Não é com medidas, como esta, nem será também com a fixação de um preço mínimo para as aparas, como veremos; não será contornando tímidamente, mas sim enfrentando corajosamente as realidades, que a economia corticeira portuguesa pode vir algum dia a ter o ambicionado desafôgo.

A indústria rolheira, como aliás todos os ramos da indústria da cortiça no país, pelos capitais que envolve, pela mão de obra que ocupa, pela valorização que traz à matéria prima, merece ser acarinhada e defendida; temos que protegê-la e tornar mais fácil a sua difícil vida. Deve e pode sê-lo; mas mal compreendida será essa defesa, absurda virá a ser essa protecção, se pretendermos conseguí-la com prejuízo da economia nacional, com o sacrifício de interesses maiores e de melhor e de mais largo futuro.

Não é, portanto, reduzindo a produção de cortiça

para triturar (além das restrições impostas, repetimos, pela salvaguarda da riqueza florestal), nem provocando a subida artificial do preço dos desperdícios, que daremos à crise rolheira solução dura-doira e harmónica com os interesses nacionais.

A brusca escassez de virgem e de refugos no mercado, ou o seu encarecimento além dos limites que a indústria comporta, trará apenas uma momentânea valorização das aparas. Se perdura, a matéria prima cara leva a restringir cada vez mais o emprêgo dos produtos de cortiça, estimula a procura de sucedâneos, menos eficientes, talvez, mas mais económicos; desvia para novos rumos as organizações industriais e as actividades nascentes. E de novo o industrial rolheiro pedirá restrições; e novos sacrifícios serão feitos; e de degrau em degrau iremos, se não até ao aniquilamento da produção, pelo menos até àquele vegetar acanhado e miserável de todo o ramo de actividade que não tem horizontes, promessas, futuro.

Se recordarmos quantos produtos têm sido mais ou menos substituídos graças à síntese ou às combinações de laboratório (o anil, a cânfora, a borracha, o enxôfre, a sêda, a própria lã, etc.), quando o monopólio ou outra elevação artificial de preços obriga a recorrer a matérias mais económicas, que acabam por suplantam em muitos casos o produto natural; se meditarmos em que a técnica e o laboratório aco-dem, e quasi sempre com êxito, para resolver as dificuldades criadas pela carestia ou rareza de qualquer matéria prima indispensável às grandes organizações industriais — veremos que a política das restrições

com mira aos altos preços é sobremaneira perigosa para a vida da própria cortiça.

Mas ao passo que as possibilidades de expansão da indústria rolheira parece terem atingido o seu máximo, e o mercado internacional está próximo da saturação, o emprêgo da cortiça nas múltiplas modalidades do isolamento abriu enormes possibilidades ao escoamento dêste produto, reanimou a sua economia e permitiu, através da grave crise mundial dos últimos anos, manter sem grandes sobressaltos o nosso comércio externo neste ramo. Se com isso sofreu, e muito, o património suberícola nacional, foi por querermos gulosamente e egoístamente esgotar logo até ao fundo o novo manancial que se nos deparou.

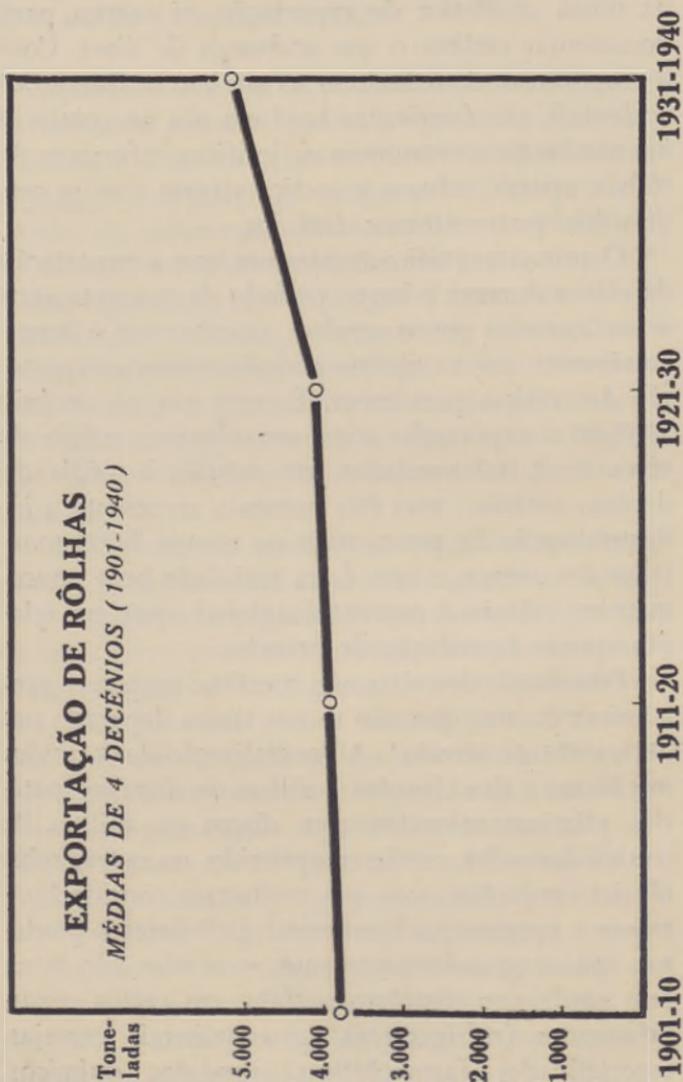
A indústria do isolamento surge como rebento novo e viçoso de velha árvore enfraquecida e doente. Se o cortarmos, a própria árvore morrerá, à mingua de seiva nova que a rejuvenesça e fortaleça; e outra árvore surgirá além, vigorosa e prometedora, mas esta, não tenhamos ilusões, nascerá para combater e não para servir os interesses corticeiros. Por isso, repetimos, todo o entrave à expansão da nova indústria, a sua sabotagem, digamos, pela rareza ou desmedido encarecimento da matéria prima, significará, a par de acanhada visão dos problemas nacionais, inútil barreira, frágil obstáculo à poderosa corrente do progresso. Temos, pois, que procurar soluções que melhor sirvam a causa da subercultura nacional, sem prejuízo, evidentemente, dos legítimos interesses dos industriais portugueses.

Detenhamo-nos num rápido exame aos números da nossa estatística de exportação de cortiça para documentar melhor o que acabamos de dizer. Com o propósito de se reduzirem ao mínimo as flutuações acidentais, tão freqüentes hoje em dia no comércio internacional, construímos os gráficos referentes às rôlhas, aparas, refugos e cortiça virgem com as médias dos quatro últimos decênios.

O primeiro gráfico mostra-nos que a exportação de rôlhas durante o longo período de quarenta anos acusa aumento pouco sensível, se olharmos o desenvolvimento que no mesmo período tomou a exportação de cortiças para moer. É certo que no decênio 1931-40 a exportação acusa um aumento médio de cerca de 1.100 toneladas, em relação à média do decênio anterior; mas êste aumento representa a industrialização de pouco mais ou menos 4.000 toneladas de cortiça, o que é na realidade bem pouco, quer em relação à exportação global, quer em relação apenas à produção de prancha.

Êste estado de coisas não constitue surpresa; para admirar é antes que não se nos tenha deparado um decrescimento sensível. A generalização das cápsulas metálicas, e das cápsulas e rôlhas de diversas matérias plásticas coloridas, com discos ou anilhas de cortiça, borracha, cartão comprimido, ou outras substâncias, vedações estas que melhoram consideravelmente a apresentação comercial de inúmeros produtos, tomou grande incremento, e se elas não baniram ainda por completo a rôlha em certos engarrafamentos (refrigerantes, águas minerais, cervejas, especialidades farmacêuticas, produtos químicos,

**EXPORTAÇÃO DE RÔLHAS**  
*MÉDIAS DE 4 DECÊNIOS ( 1901-1940 )*



etc.), restringiram pelo menos o seu emprêgo. Não falamos já de variadas tentativas, em geral pouco frutuozas, para substituir noutros domínios o processo clássico de vedação.

Não se depreende daqui, evidentemente, que a rôlha de cortiça venha a ser destronada e banida num futuro próximo; tem hoje e terá no futuro applicações onde permanece insubstituível; mas o que não devemos esperar é um aumento de consumo em grau tal que nos permita impulsar e orientar exclusivamente para aquella forma de industrialização as enormes possibilidades suberícolas nacionais.

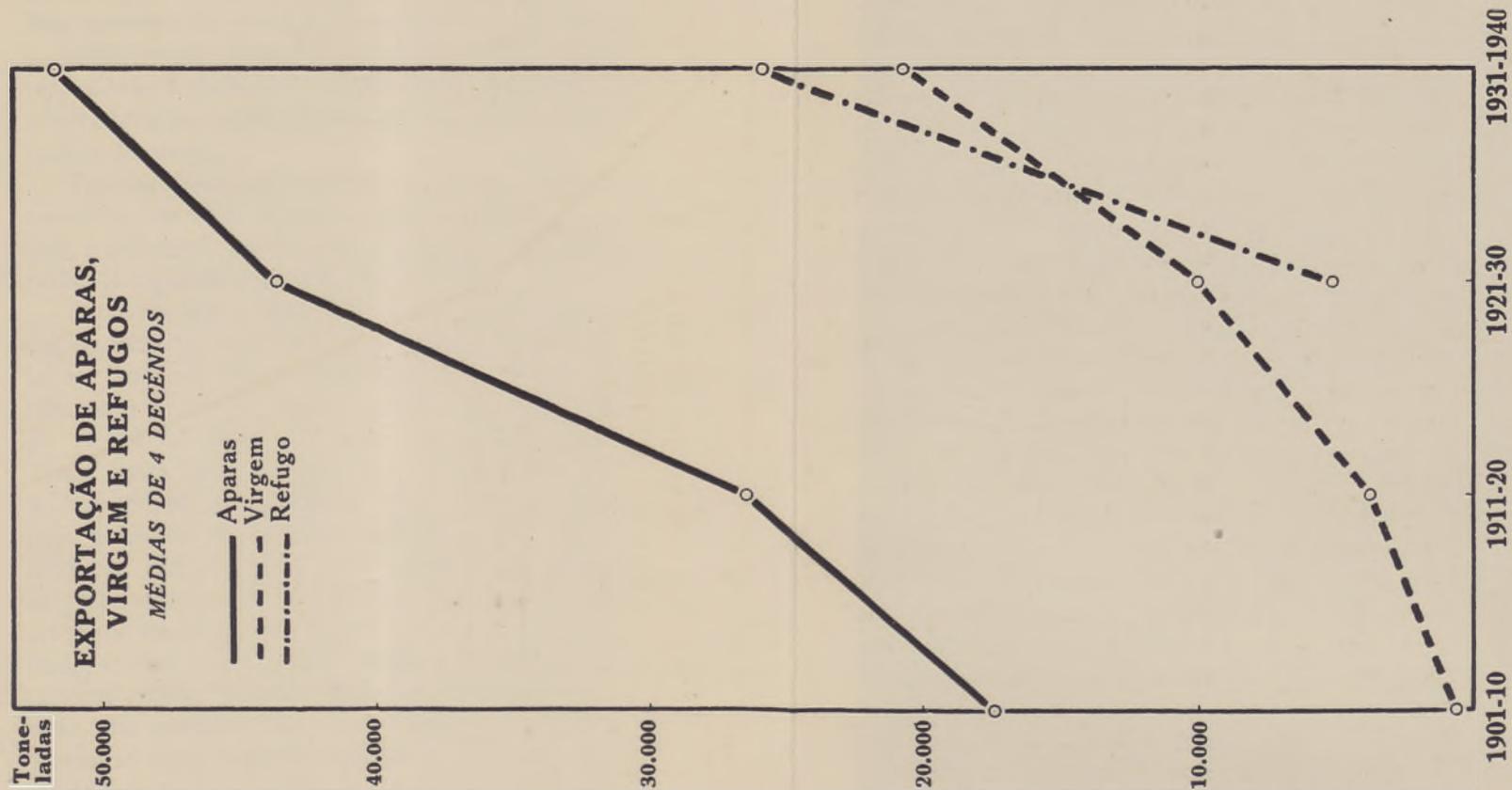
O valor do acréscimo médio anual da exportação de rôlhas no último decénio, em relação ao anterior, tomando para base o valor médio da tonelada durante o período (valores declarados na Alfândega) foi de cêrca de 9.500 contos. Em igual período, a exportação média anual de aparas, refugo e virgem aumentou 42.600 toneladas, com um valor, servindo-nos ainda dos preços médios do decénio, de 28.800 contos.

Embora as médias corrijam até certo ponto as flutuações accidentais, é certo que a vida corticeira tem sofrido tão graves perturbações nos últimos tempos que os simples números da estatística não indicam sempre a posição *real* do comércio e da indústria da cortiça no nosso país. Por outras palavras: tivemos a nosso favor circunstâncias fortuitas que impulsaram muito as actividades corticeiras; lutámos contra outras que prejudicaram em larga escala essas actividades. Entre as primeiras, recordaremos a guerra de Espanha, durante a qual êste país, que

ocupa o segundo lugar na produção, viu paralisada a sua indústria e consideravelmente reduzidas as exportações, contribuindo para que em 1937 exportássemos as nossas 181.000 toneladas; e deve ainda contar-se, até agora, a presente guerra, que, por um lado, colocou em má posição as regiões suberícolas do norte da África, e, por outro, levou os países industrializadores, como os Estados Unidos, a constituírem reservas para garantia de um eventual agravamento das relações internacionais. Pudemos, assim, a-pesar-de praticamente fechados os mercados europeus, exportar sem desfalecimentos; mas não é admissível que o nosso comércio corticeiro externo se conserve em nível tão elevado como o de agora, enquanto se mantiver o estado de guerra, uma vez que as dificuldades se agravam de dia para dia.

Se estas circunstâncias anormais nos têm favorecido até agora, e animaram em tempos tão difíceis a vida corticeira portuguesa, outras circunstâncias há, como dissemos, que nos prejudicaram: A crise mundial que se seguiu à Guerra de 1914, e sobretudo a crise dos Estados Unidos, o nosso maior mercado para as aparas, refugos e cortiça virgem; a desorientação dos mercados europeus e a depressão económica em que se vive há longo tempo; as restrições, barreiras e dificuldades criadas pelo nacionalismo económico nalguns países, e noutros pela ameaça de guerra; por fim, a própria guerra, que nos fechou praticamente os mercados da Europa.

Em face destas influências tão diversas é difícil saber qual seria a progressão *normal* da expansão da cortiça portuguesa, ou até que ponto aquelas in-



N. B.—A Exportação de refugos relativa ao decênio 1921-30, indicada no gráfico, diz respeito apenas à média de 3 anos: 1928, 1929 e 1930



fluências contrárias se compensaram. O que é porém incontestável, e só isso por agora interessa, é ter o consumo de cortiça aumentado consideravelmente. Esse aumento, que nas aparas, refugo e virgem, como o gráfico revela, assume proporções majestosas, corresponde ao impulso dado à indústria do isolamento: a nova bôca, de apetite insaciável, que absorve montanhas de cortiça.

Tem interêsse, para orientação da nossa política corticeira, ver mais de perto como as coisas se passam, e utilizemos por isso, mais uma vez ainda, pelas razões já expostas, as médias dos decênios.

Enquanto que a exportação média anual de aparas, de 1921-30 para 1931-40, aumentou 8.448 toneladas, com um valor médio de 6.177 contos, os refugos e a cortiça virgem tiveram um acréscimo de 34.174 toneladas, no valor de 22.676 contos. Tanto basta para mostrar que as restrições que se impusessem à exportação destes dois produtos para benefício da indústria rolheira, nunca poderiam ser por completo recuperadas pela subida do preço das aparas. Quere dizer: para que aquele acréscimo de virgem e refugos, que acusa o decénio findo, e visto com tão maus olhos e objecto de tão amargas críticas, pudesse ser banido da nossa exportação sem prejuízo para a economia nacional, era necessário que o preço das aparas, por tonelada, que foi de Esc. 731\$10 (média do decénio) subisse para Esc. 2.683\$10! É certo que se poderia admitir que um preço elevado das aparas (sem atingir, é claro, por inadmissível, o valor acima indicado) permitiria baixar o preço das rôlhas e elevar a exportação des-

tas, bem como das aparas resultantes. Mas ainda assim a curva da exportação de rólhas nos últimos cinquenta anos leva a encarar com justificado cepticismo tal hipótese.

Os gráficos traduzem realidades insofismáveis; assinalam uma orientação bem definida das actividades corticeiras, a que o nosso país, pelo lugar que ocupa na produção da matéria prima, não pode ficar indiferente. É no domínio da indústria do isolamento que melhores e mais vastas possibilidades se nos depa-ram para a expansão da subericultura: a nossa melhor política será estudar a fundo o aproveitamento da nova fonte de riqueza, perscrutar os horizontes do novo rumo, e dispormo-nos corajosamente a segui-lo, se êle, apesar de dificultoso, nos pode levar ao melhor aproveitamento da terra portuguesa e à maior valorização das actividades corticeiras nacionais.

Mas isto não quer dizer que em honra do novo sol sacrifiquemos as actividades industriais existentes, ou se abandonem por completo as normas já tradicionais do cultivo do Sobreiro. Longe de nós tal idéia: no pequeno mundo suberícola, se pusermos de lado certas veleidades antipáticas quanto a espaço vital, há ainda, e de sobejo, lugar para todos.

Forçoso é reconhecer, no que diz respeito à produção, que seguimos até agora caminho errado. Satisfizemos as exigências do mercado mundial; vemos, através do gráfico, a prodigiosa, e devemos dizer até milagrosa, forma como a produção evoluiu; mas êste

prodígio, êste milagre, longe de nos envaidecer, constitue motivo para justificada tristeza. A grande procura de cortiça, o perfume capitoso da fortuna, enebriou-nos, e lançámo-nos na exploração intensiva, egoísta, brutal e desordenada dos Sobreirais, como que receosos de que o mundo acabasse amanhã... quando seria natural criarmos mais riqueza, zelarmos amoravelmente a que possuíamos, olharmos para o futuro, respeitarmos o passado.

Também as abelhas, enebriadas pelo perfume do mel derramado, pilham sem escrúpulo, tumultuosamente e cínicamente, o oiro líquido dos favos, e destroem, com louca imprevidência, o tesoiro da colmeia, o bem da comunidade, fruto de paciente labor e de penosas fadigas... Desculpemos, no entanto, as laboriosas abelhas, mas só as abelhas, porque tão confrangedor desvairamento só as domina quando um cataclismo assola o seu pequenino mundo...

Assim pudemos acompanhar, é certo, o crescente consumo; mas fizemo-lo desinteressados, como sempre, das conseqüências que tão ruïnosa exploração teria para a economia nacional.

Os que alguma vez viram o estado em que se encontra a grande maioria dos nossos sobreirais sabem que a produção portuguesa está ameaçada, dentro de pouco tempo, de grave declínio. O arvoredo novo não chega para substituir os sobreirais arruinados ou em via de decadência, nem aquele que nos levaram os cortes rasos e os intensos e mal compreendidos desbastes.

E no dia em que não pudermos satisfazer as ne-

cessidades do consumo, não acreditemos que a subida do preço da matéria prima compense a perda em quantidade. Nesse dia, porque o nosso enfraquecimento não pode deixar de ter grandes repercussões, dado o lugar que ocupamos na produção, enfrentamos situação análoga à que nos conduziria a política dos altos preços: veremos restringir ao mínimo indispensável as aplicações da cortiça, veremos pulular os sucedâneos, como alcateia de lobos sobre o inimigo moribundo; presenciaremos o despertar das veleidades suberícolas até agora latentes noutros países; e quando acordarmos da feliz inconsciência em que vivemos será tarde, como sempre, e, como sempre também, irremediavelmente tarde.

É tempo, e bem tempo, de arripirmos caminho.

Para maior clareza e maior método, resumamos a situação. Temos, por um lado:

1) — Necessidade de reconstruir, no mais curto prazo, a riqueza suberícola nacional, enfraquecida pela exploração desordenada dos últimos anos, e obstar ao declínio e ruína da produção, de outra forma inevitável;

2) — Necessidade de satisfazermos a crescente procura de cortiças para triturar e de impulsarmos a indústria do isolamento baseado na cortiça, aproveitando melhor a aptidão suberícola de grande parte da terra portuguesa que não é susceptível, presentemente, de outra utilização mais lucrativa.

Temos, por outro lado:

3) — Presumível agravamento das condições de vida da indústria rolheira pela concorrência que a

maior produção de cortiças para moer (virgem e refugos) venha a fazer às aparas.

Mas será possível, sem sacrifício dêste importante e antigo ramo da actividade industrial do país, aproveitar as grandes possibilidades que se nos deparam? Pode responder-se afoitamente que sim. Para tanto, ponhamos de lado as soluções simples e cómodas, inadequadas a tão complexo problema, as complicadas e difíceis manobras que apenas podem assegurar um equilíbrio instável, e disponhamo-nos corajosamente a realizar OBRA NOVA!

Como veremos no próximo artigo, o caso não é para sustos...



## II

**R**EALIZAR OBRA NOVA: Eis a tarefa que reclama a política corticeira portuguesa. E logo franzem o sobrecenho os desconfiados, e logo os cépticos encolhem os ombros com desdém, e logo os preguiçosos, ofendidos, entreabrem os olhos sonolentos... E até os comodistas, essa grave maioria para quem «mexer é estragar», terão apenas, para a tal *obra nova*, um suspeito e equívoco sorriso!

Mas se há quem esteja doente com aparência de são, nestas perigosas condições se encontra, não só a subercultura portuguesa, mas tóda a nossa economia corticeira. E perante a tijela de tisana, sempre o doente que julga vender saúde franziu o sobrecenho desconfiado, encolheu os ombros com desprezo, ou sorriu superiormente com desdém. Há ainda os que estrebucham e recalcitram escandalizados... A tais protestos faz o médico orelhas moucas...

No artigo anterior reduzimos o problema às suas linhas essenciais, e fomos levados assim a estabelecer

duas proposições, que se nos afigura dever sintetizarem a moderna política corticeira portuguesa:

- 1) — Produzir mais, melhor e mais barato.
- 2) — Evitar que a produção intensiva de cortiças para moer traga perturbações ao valor das aparas e ocasione desequilíbrios graves na vida da indústria rolheira.

Baseamo-nos, como não pode deixar de ser, na existência de condições normais no comércio internacional, nem outras interessaria aqui debater, uma vez que as soluções propostas para o problema corticeiro interessam o futuro e não o presente.

Comecemos por discutir a segunda proposição, aquela que parece à primeira vista mais dificultosa. Pode ela realizar-se de duas maneiras: ou pela fixação de um preço mínimo para as aparas, refugos e virgem, e caímos nas soluções artificiais, que combatemos, ou, o que é muito mais lógico, impedindo que o excesso de cortiças para moer concorra com os desperdícios da indústria rolheira no mercado internacional.

De facto, todos conhecemos os inconvenientes da fixação de preços mínimos, ainda quando estabelecida, ou sobretudo quando estabelecida, de acôrdo com todos os países produtores. É remédio para dar alívio em momentos difíceis, e em tais ocasiões será útil, porventura; não constitue, todavia, solução definitiva, positiva e acautelada para o problema português. Só a centralização, em organismos responsáveis, de tôda a produção de cada país, ou a disciplina ri-

gida do comércio — difícil de se conseguir cá e lá — pode atenuar alguns dos seus graves inconvenientes.

É para a segunda solução que nos voltaremos, por ser a única que firmemente e eficazmente defende o interesse nacional. O caminho a seguir está portanto traçado: Se favorecermos, protegermos e impulsarmos ao máximo a preparação industrial dentro do país das cortiças para moer (sobretudo refugos e virgem) evitamos que no mercado internacional elas concorram com as aparas sob a forma de matéria prima.

Quere dizer: deixamos de combater a indústria dos aglomerados, como o inimigo clássico da rôlha; vamos antes em seu auxílio, e oferecemos-lhe mais e melhor matéria prima; servimos já sem peias a cruzada do isolamento, que é possível agora impulsar livremente; e não prejudicamos as actividades industriais dos países não produtores de cortiça, porque industrializaremos, sem propósitos de concorrência desleal, sobretudo o excesso da nossa produção.

Vejamos agora, no campo da prática, qual a viabilidade de semelhante empreendimento.

Ao passo que a cultura do Sobreiro tem limites impostos pelo temperamento da árvore, e até por diversos factores económicos, as possibilidades do emprêgo da cortiça nas múltiplas formas de isolamento, na indústria e na construção civil, são consideráveis, para não dizermos praticamente ilimitadas. Se dispomos, como na realidade acontece, de condições favoráveis para a produção e industrialização da cortiça, cumpre-nos aproveitar com inteligência e

boa-vontade as possibilidades que os mercados mundiais apresentam.

Dir-se-á, e com razão, que é mais fácil dizê-lo do que fazê-lo. Mas a vida é assim: só colhe quem semeia, em obediência à lei bíblica que nos condenou a só comermos o pão amassado com o suor do nosso próprio rosto...

Melhorem-se, com o concurso da técnica e do laboratório, os processos industriais; pesquise-se novos métodos de valorizar a matéria prima; estudem-se judiciosamente as condições da produção e da indústria para tornar mais acessível, por mais simples e mais económico, o emprêgo da cortiça. E assim como sondámos a indústria para estabelecer a política da produção, tomemos contacto com o consumo para definir a nossa política industrial. Acarinhemos e defendamos as novas actividades industriais, guiemo-las, com ternura, nos seus primeiros passos; e, por fim, com persistência e firme vontade de vencer, disponhamo-nos a impulsar o consumo dos artefactos de cortiça, a organizar cientificamente o seu comércio, e a conquistar para a nossa indústria honroso lugar ao sol.

No período de reconstrução que há-de seguir-se aos tempestuosos dias de agora, não será difícil impor nos mercados do mundo os artigos manufacturados em Portugal, se recorrermos àquela propaganda inteligente, tenaz, incessante, que outros põem com êxito ao serviço de menos fecundas causas.

Mas esta propaganda não consiste apenas em tornar conhecida a cortiça, tímidamente, como que envergonhados perante o mundo de tão modesta dádi-

va; nós, que já espalhámos às mãos largas o oiro e as pedrarias da Índia e do Brasil...

Aprestemo-nos, com entusiasmo, fé, tenacidade e ousadia, para impor a cortiça vitoriosamente. Mostrem-se as vantagens que o isolamento oferece; ensinemos, aos que não sabem, como se põe em prática; e como, quando, e porquê é económico e oportuno o seu emprêgo; mostre-se, ensine-se, demonstre-se, portanto. Vencer, consiste neste caso em convencer. Essa propaganda cria necessidades novas, torna indispensável hoje o que ontem era supérfluo, desperta apetites de bem-estar e de conforto, e corramos pressurosos a transformar em agradáveis realidades os sonhos e as vagas aspirações de tantos. Teime-se, insista-se, com a cínica persistência da água mole em pedra dura... Duvidar do êxito é negar, afinal, a própria utilidade da cortiça.

Além das possibilidades que hão-de oferecer no futuro os actuais mercados europeus, cuja capacidade de consumo não está aproveitada como convém, somos forçados a estudar a fundo novos mercados nas regiões frias e nos países tropicais, e estes, só por si, mostram já auspiciosas perspectivas.

Como sempre, os cépticos, aqueles que não fazem nem deixam fazer, e preferem a cómoda crítica destrutiva ao penoso labor de construir, dirão que o previsto aumento do consumo mundial de artefactos de cortiça não passa de vaga hipótese, pois ninguém poderá prever as conseqüências económicas e políticas da guerra, nem o futuro da própria cortiça. E até o facto da indústria nacional da especialidade não

poder trabalhar hoje de modo a dar todo o rendimento, significará, para êles, que se esgotaram entre nós as possibilidades de industrializar mais cortiça, por se ter excedido a capacidade de consumo dos mercados.

Os que assim pensam esquecem-se de que se disse o mesmo há vinte, trinta e quarenta anos atrás. E, no entanto, sem qualquer esforço da nossa parte, e apesar- até de certas medidas restritivas, embora débeis, para obstar à devastadora exploração dos sobreirais, a exportação média de aparas no decénio 1931-40 foi 300 % superior à média do decénio 1901-10, a de cortiça virgem 4.500 %, e a dos refugos, em relação à média anterior, aumentou mais de 5.000 %! Mas, apesar disso, a indústria do isolamento está, bem se pode dizer, na infância, tão limitado é ainda hoje o emprêgo da cortiça em relação às necessidades mundiais.

Para aquêles considerável aumento da exportação portuguesa muito contribuiu a indústria americana com a sua intensa e inteligente propaganda. Viu, a laboriosa América, que manancial de riqueza era a cortiça, e não ficou à espera que essa riqueza se transformasse em sonantes dólares e lhe caísse nos braços, como dádiva dos deuses, sem outra canseira que não fôsse o delicioso esforço de colher.

Muito pelo contrário: estudou a fundo a cortiça e o seu aproveitamento, chamou em seu auxílio a ciência, desenvolveu e aperfeiçoou a indústria, valorizou a matéria prima até às mínimas partículas, impulsionou o consumo, despertou novas necessidades, convenceu os incrédulos, interessou os indiferentes,

E, como é humano, chamou a si os frutos da laboriosa sementeira. É fértil em ensinamentos êste exemplo.

O mundo sempre foi grande para quem tem iniciativa. Os que preferem vegetar a viver; aqueles a quem mais agrada vender a matéria prima para evitarem ralações e incómodos, e deixam melancòlicamente correr as coisas ao sabor da fortuna, embalados por dolentes acordes da guitarra; os que desejam que os outros trabalhem por nós, pensem por nós, se apoquentem por nós, praticam grave injustiça se pretendem, na partilha dos benefícios, receber a parte do leão, em vez das migalhas a que apenas dá direito tão entranhado amor à vida sem cuidados.

É difícil e laboriosa a tarefa? Ninguém o ignora nem o contesta. Oferece as dificuldades que se nos deparam sempre que da passividade se passa à actividade, da preguiça cómoda, mas aviltante, de sermos guiados, às responsabilidades graves do comando.

Só pelo trabalho venceremos. Há que porfiar na luta com dedicação e sem desânimo, porque êsse esforço representará para a economia nacional farta cópia de milhares de contos, e, melhor do que isso ainda, de posse de uma das mais poderosas alavancas do comando da economia corticeira, poderemos ver, se tivermos juízo, seguirem-se aos sobressaltos e inquietações do presente, dias, enfim, mais tranqüilos e mais ditosos.

Apreciemos agora a primeira proposição, que diz respeito ao aspecto florestal do problema, e que é,

quanto a nós, a mais complexa. Aqui, teremos, verdadeiramente, que realizar obra nova.

Enfrenta a silvicultura em todo o mundo dificuldades graves: — os capitais fogem da floresta, não só porque é modesto o rendimento que ela proporciona, se não também porque a formação das árvores requiere longos períodos de tempo; e tal morosidade torna-se cada vez mais incompatível com o «dynamismo», com as necessidades prementes, com o utilitarismo imediato e até com o egoísmo da vida moderna. Mas os produtos da floresta são cada vez mais procurados; o consumo de cellulose, a matéria prima para a qual surgem todos os dias novas aplicações, aumenta prodigiosamente. Por isso nos nossos dias o ritmo da destruição da massa florestal é em muito superior ao ritmo do repovoamento.

No nosso país, onde estamos longe de aproveitar a fundo os recursos da floresta, não se chegou ainda àquela situação melindrosa no que diz respeito ao pinheiro bravo, a espécie predominante; sentimo-lo já, todavia, mercê da exploração intensiva, ou das devastações causadas por algumas pragas, nos montados, soitos e carvalhais.

Examinemos apenas o caso especial da reconstituição dos montados de sôbro.

A cultura do Sobreiro, tal como se pratica no sul do país, afasta-se da exploração florestal típica e tem sôbre esta numerosas vantagens: permite, melhor ou pior, com mais ou menos êxito, o aproveitamento agrícola da terra; admite a exploração pecuária e dá-nos, a intervalos regulares, produções de cortiça, lenhas e carvão, cujo valor em muito excede a receita

que se obteria pelo simples corte raso final. É, portanto, uma exploração economicamente muito mais interessante do que a cultura florestal típica.

Mas tão complexa modalidade de cultivo só é viável no regime da grande propriedade, e está circunscrita ao Alentejo. Aqui, nem o clima, nem a natureza do solo, nem o próprio tipo de exploração agrícola permitem, na generalidade dos casos, exploração mais intensiva nem mais rendosa. Tudo aconselha a que se aproveitem essas condições, como até hoje, já que elas se mostram sobremaneira propícias a esta finalidade, na produção de cortiças amadias.

E se há muito a fazer no que se refere à restauração do arvoredo mutilado, ao melhoramento da qualidade da cortiça e ao preenchimento das clareiras abertas pelos desordenados desbastes, — o alargamento da área de cultura, se bem que ainda possível ali, tem no entanto possibilidades limitadas.

Não é, pois, no Alentejo, nem pelos métodos do cultivo do Sobreiro peculiares a esta província, que poderemos impulsar, com a intensidade e a amplitude que convêm, a produção de cortiças para moer.

Restam-nos as províncias ao norte do Tejo, cujas aptidões para a subercultura já foram por nós evidenciadas, neste Boletim, em artigos anteriores. Mas aqui, na Estremadura, Beiras, certas partes do Douro, do Minho e de Trás-os-Montes, a exploração florestal, fora das areias marítimas, apresenta características muito especiais, impostas pela fragmentação da propriedade, pelo predomínio da cultura agrícola, e pelas condições agro-climáticas. Recorde-se o



que escrevemos algures: «... os núcleos florestais que se nos deparam, — excluídos os povoamentos puros de pinheiro bravo, que dia a dia alargam e ameaçam subverter a flora folhosa, os eucaliptais e os já raros soitos e carvalhais, — compõem-se de uma mistura de espécies arbóreas e arbustivas de origem espontânea. Localizados nos pontos menos férteis, inadequados ou difíceis para a cultura agrícola, são o complemento desta exploração, fornecendo o mato, as lenhas, o carvão de cêpa e alguma madeira... O tratamento limita-se ao corte periódico do mato e aos desbastes necessários para corrigir a densidade excessiva que asfixiaria a manta viva. À regeneração natural se confia a perpetuação dos povoamentos...». Podemos ainda juntar, que o predomínio das folhosas, as condições climatéricas, a situação e distribuição dessas matas, reduzem consideravelmente os riscos de incêndio que traz a presença de uma exuberante manta viva.

Impõe-se a transformação destes pequenos núcleos florestais, de valor assaz duvidoso, e que no seu conjunto ocupam muitos e muitos milhares de hectares, numa exploração mais intensa e mais lucrativa, que melhor sirva a economia da nação, onde mais útilmente se aproveite a terra, e que mais benefícios traga às condições de vida da população rural.

Ora a cultura do Sobreiro realiza êste objectivo, se soubermos adaptá-la às condições que se nos apresentam. Sugerimos em trabalho anterior (1) a con-

---

(1) Boletim da Junta Nacional da Cortiça, n.º 9. Julho de 1939.

veniência de se dar gradualmente nesses povoamentos predomínio ao Sobreiro, poupando nas roças os pequenos chaparros e eliminando as espécies concorrentes de menor valia. Chegaríamos assim a constituir povoamentos puros de sôbro com nítida feição florestal, os quais, embora conservassem as características exigidas pela propriedade agrícola (produção de matos e lenhas) dariam um rendimento suplementar e muito apreciável de cortiça. É esta, a-final, embora determinada por causas diversas, a fisionomia dos sobreirais da Catalunha e da África do Norte.

Mas a procura crescente de cortiças para trituração, evidenciada num dos gráficos publicados no artigo anterior, levou-nos a estudar novas modalidades de exploração do Sobreiro, adaptáveis às condições do solo, do clima e da propriedade no centro e norte do país, e que pudessem aplicar-se ainda nos perímetros de arborização recentemente criados, sempre que fôsse oportuna e vantajosa a introdução do Sobreiro.

Preocupou-nos, sobretudo, eliminar alguns dos inconvenientes que, é forçoso reconhecer, a exploração em alto-fuste apresenta, e entre os quais sobressaem: 1) A dificuldade de se conseguir a *educação suberícola* requerida pelo tratamento do arvoredo, educação esta que o agricultor do norte do Tejo não possui na generalidade dos casos, que não está na sua tradição, e que só morosamente se alcança; 2) o escasso volume de lenhas periòdicamente obtido, depois de estabelecida a densidade normal nos povoamentos; e, 3) o desinterêsse do pequeno agricultor, pessoalmente pouco beneficiado

com a transformação, dada a exigüidade de muitas dessas matas, onde apenas cabe escasso número de árvores, e onde é por êsse facto insignificante a produção suberosa.

O estudo realizado levou-nos a concluir que o Sobreiro explorado em talhadia, em curtas revoluções, e orientado exclusivamente para a produção intensiva de cortiça virgem, nos conduziria à finalidade desejada.

As condições do solo e do clima, de primordial importância neste método de cultivo, são na generalidade dos casos favoráveis; a espécie rebenta vigorosamente de toiça, e quando sujeita a êste tratamento tem uma longevidade satisfatória. Mas beneficiaríamos, e muito, êste tipo de exploração, se pûdessemos constituir os povoamentos com árvores seleccionadas, cujas principais características fôssem a rapidez do crescimento e a elevada produção suberosa, condições estas que nos permitiriam, agora sem sacrifício da qualidade da cortiça e da vitalidade das árvores, produções maiores em revoluções mais curtas.

Ora êste propósito pode considerar-se alcançado. Dispomos já de árvores cuja intensidade de crescimento, nos primeiros anos, é cêrca de cinco vezes superior àquela que até agora considerávamos normal. A quantidade de cortiça virgem produzida por estas árvores passa a ser muito mais elevada; é também maior o rendimento periódico de lenhas e de entrecasco.

Temos entre mãos o estudo desta modalidade de cultivo nos seus diversos pormenores: propagação

das árvores, densidade dos povoamentos, intensidade do crescimento nas sucessivas rebentações, número e duração das revoluções, produções por hectare, regeneração das talhadias, etc., estudo que será oportunamente publicado.

Mas não fugimos a apontar desde já algumas das suas principais vantagens e a justificar, embora sucintamente, a sua preconização.

Vejamos essas vantagens: Obtemos, além da cortiça virgem e do entrecasco (e com êste veremos talvez desenvolver-se entre nós, como é tão desejável, a indústria dos extractos taninosos), um importante volume de lenhas por hectare, as quais podem ser aproveitadas para carvão, com apreciável economia no transporte, nas propriedades ou nos perímetros florestais onde não sejam directamente utilizáveis. Obtemos rendimentos mais elevados por unidade de superfície, graças não só à variedade dos produtos, mas sobretudo ao maior número de indivíduos por hectare que a talhadia comporta e à mais elevada capacidade de produção das árvores. Simplificamos a cultura do Sobreiro (que passa a ser idêntica, a-final, à das nossas antigas talhadias de Carvalho, exploradas para lenha e casca), e tornamo-la muito mais atractiva e acessível aos pequenos e médios proprietários. Eliminamos o problema da qualidade, e evitamos que certos refugos concorram com a prancha. Em resumo: substituímos uma exploração florestal rudimentar, primitiva, sem futuro, de magro rendimento — aquilo, numa palavra, que a Natureza espontâneamente nos dá, — pelo cultivo inteligente, moderno, intensivo, tal como exige o decôro na-

cional, de uma árvore valiosa. E orientando, como é urgente, a produção suberícola de acôrdo com as necessidades da indústria, e aproveitando melhor as aptidões do Sobreiro e as possibilidades e recursos do nosso solo, realizamos obra do mais alto valimento para a economia nacional.

Sem pretendemos, por agora, discutir os aspectos técnicos e económicos dêste método de cultivo, afigura-se-nos no entanto necessário apontar algumas das razões que nos levaram a preconizá-lo, de preferência à exploração em fustadio, e responder desde já a possíveis reparos.

Por ser mais elevado o preço dos refugos do que o da cortiça virgem (respectivamente Esc. 680\$70 e 634\$20, por tonelada, preços médios do último decénio), parece à primeira vista que nos interessaria antes conservar o tipo actual de exploração peculiar ao norte do Tejo, de onde nos vem um volume elevadíssimo de refugos, ao mesmo tempo que poderíamos aproveitar, sob a forma de prancha, como acontece hoje, as cortiças de melhor qualidade. A favor dêste processo de cultivo do Sobreiro vem ainda o facto, bem conhecido, da cortiça de reprodução (segundeira e amadia) se formar mais activa e rapidamente do que a virgem. Quere dizer: após a desboia, a árvore produz camadas suberosas consideravelmente mais espessas na região que foi desnudada do que nas partes cobertas pela cortiça virgem. A espessura dessas camadas anuais, nas cortiças de reprodução, é máxima, como regra, no ano que se segue à despela, e decresce depois, até que, no fim de um certo período, se não descortiçarmos de novo,

virá a ser igual à da própria virgem. O descortiçamento traz assim, periódicamente, novo estímulo à produção suberosa, de modo que a quantidade de cortiça produzida durante a vida da árvore é muito maior do que seria se não se praticasse o descortiçamento. Em trabalho anterior mostrámos já, gráficamente, a importância que a despela periódica tem na produção de cortiça (1).

Este facto, aliado ao gradual engrossamento das árvores, que eleva a superfície de produção, levaria a aceitar, por mais conveniente e mais rendosa, a exploração em fustadio; mas na prática as coisas passam-se de modo um pouco diferente.

Se é maior, em princípio, a produção suberosa por árvore neste regime (mas só no caso do descortiçamento normal), também o volume lenhoso é mais elevado na talhadia, e ao mais intenso crescimento corresponde mais activa produção de cortiça. De facto, após o corte, as toiças rebentam vigorosamente; os charrapos formam-se em menos tempo, e já por êste lado recuperaríamos em parte o perdido, se outras circunstâncias não viessem em nosso auxílio: O menor compasso entre as árvores, requerido pela talhadia, consente que elevemos a densidade dos povoamentos, o que, junto ao descortiçamento integral dos charrapos, nos dá maiores produções por unidade de superfície; o recurso a árvores seleccionadas de rápido desenvolvimento permite au-

---

(1) Técnica Cultural dos Sobreirais. II — Descortiçamento. Pág. 16, fig. 7.

mentar, sem dispêndio, a produção suberosa individual.

Mas outras circunstâncias há ainda, e de importância não menor, que militam a nosso favor: A exploração racional do Sobreiro em fustadio só interessa, como dissemos, a propriedade de uma certa extensão, onde o valor e o volume da cortiça produzida levem a olhar para as árvores com interêsse; e esta condição não se nos depara com freqüência no centro e norte do país. Por outro lado, o tratamento das árvores reclama aquela «educação suberícola» já referida, que se não improvisa, e cuja falta conduziu a tôdas essas misérias que os Sobreiros das províncias do norte do Tejo patenteiam.

Ignorando a técnica dos desbastes, o pequeno ou minúsculo subericultor sofre prejuízos no calibre da cortiça, e portanto na quantidade, por não dar aos povoamentos a densidade conveniente; a despela praticada por tiradores inexperientes, quando não é feita, o que é mais grave ainda, por conta do comprador pouco consciencioso, é levada àquêle limite extremo em que só pouco mais do que as fôlhas escapam. Os Sobreiros, como os charrapos, precocemente e exageradamente descortiçados, só nos podem oferecer colheitas precárias. E quando o pequeno subericultor do norte, porque também gosta de inovações, começa a trinchar os Sobreiros (prelúdio de trágico banquete!), e põe em prática a arreia, fá-lo com tal bruteza que pede meças ao mais fero podador alentejano. Tal é o negro quadro suberícola que hoje nos é oferecido.

A exploração do Sobreiro em talhadia suprime

grande parte, se não a totalidade, dêstes inconvenientes, e permite-nos recuperar, com larga vantagem, qualquer diferença de valor entre a cortiça virgem e os refugos.

\*

\* \*

Perscrutámos os horizontes da subercultura portuguesa, e chegámos à consoladora conclusão de que as actividades corticeiras nacionais não se encontram dentro de um círculo de ferro que as asfixie ou esmague, sujeitas aos acasos da fortuna que as definhem, ou às incertezas do futuro que aniquilam tôdas as vontades e esterilizam tôdas as iniciativas.

Muito pelo contrário: rasgam-se diante de nós fecundos e luminosos horizontes. Oferece-se a oportunidade de valorizarmos boa parte do nosso solo, impróprio para a cultura agrícola, com uma cultura florestal de elevado rendimento: e criaremos mais riqueza; temos ensejo de impulsar a indústria corticeira, de dar-lhe maior desfôgo e, por assim dizer, nova vida: e aproveitaremos essa riqueza; podemos, enfim, beneficiar, na proporção a que temos direito, dos recursos que o progresso e as condições modernas da vida mundial oferecem todos os dias a quem os pode ou quere aproveitar: e gozaremos essa riqueza.

E que é preciso para tanto? Que nos não limitemos a contemplar com olhos langorosos, húmidos de desolação melancólica, a babar-nos de admiração e de ternura piegas, essas perspectivas magnificentes; mas no íntimo dispostos a colaborar negativamente,

pelo retraimento e pela indiferença, em tudo o que exija previsão metódica, acção, iniciativa, persistência, luta proveitosa.

De nós, todavia, exclusivamente de nós, depende o triunfo, se animados de viril confiança no futuro — o singelo talismã dos povos fortes, — trabalharmos com coragem, dispostos a acometer tôdas as dificuldades e a porfiar na luta com dedicação.

Se abandonamos esta fonte de riqueza, se não aproveitamos as fartas possibilidades e oportunidades que se oferecem, quando outros países, animados de pujante fôrça criadora, de vitalidade exuberante, realizam milagres para defesa da sua economia, e aproveitam exaustivamente os recursos mínimos, bem merecemos, a-final, que de nós se diga:

*Dá Deus nozes a quem não tem dentes!*





RÓ  
MU  
LO

CENTRO CIÊNCIA VIVA  
UNIVERSIDADE COIMBRA



\*1329690562\*

